

HARUKI MURAKAMI

# O elefante desaparece

TRADUÇÃO DO JAPONÊS

Lica Hashimoto

ALFAGUARA



Copyright © 1993 by Haruki Murakami

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Zô no shômetsu

*Capa e ilustração de capa*  
Alceu Chiesorin Nunes

*Preparação*  
Fábio Fujita  
Gustavo de Azambuja Feix  
Juliana Souza

*Revisão*  
Valquíria Della Pozza  
Adriana Moreira Pedro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Murakami, Haruki  
O elefante desaparece / Haruki Murakami ; tradução  
do japonês Lica Hashimoto. – 1ª ed. – Rio de Janeiro :  
Alfaguara, 2018.

Título original: Zô no shômetsu.  
ISBN: 978-85-5652-062-3

I. Ficção japonesa I. Título.

18-12679

CDD-895.63

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura japonesa 895.63

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia  
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ  
Telefone: (21) 3993-7510  
www.companhiadasletras.com  
www.blogdacompanhia.com.br  
facebook.com/alfaguara.br  
twitter.com/alfaguara\_br

## Sumário

O pássaro de corda e as mulheres de terça-feira	7
O segundo assalto à padaria	35
Mensagem do canguru	49
Sobre a garota cem por cento perfeita que encontrei em uma manhã ensolarada de abril	64
Sono	69
A queda do Império Romano, Rebelião indígena de 1881, Hitler invade a Polônia, E o mundo dos vendavais	106
<i>Lederhosen</i>	112
Queimar celeiros	121
O pequeno monstro verde	138
Caso de família	143
Janela	170
Os homens da tv	177
Lento barco para a China	198
O anão dançarino	221
O último gramado do entardecer	244
Silêncio	266
O elefante desaparece	283

## O pássaro de corda e as mulheres de terça-feira

Eu estava preparando macarrão na cozinha quando ela me ligou. Enquanto esperava a massa ficar pronta, assobiava o prelúdio de *La gazza ladra*, de Rossini, que tocava na rádio. A música ideal para preparar espaguete.

Pensei em ignorar o telefone e focar na massa. Estava quase no ponto, e a Orquestra Sinfônica de Londres, regida por Claudio Abbado, estava perto do auge. Mas, por fim, acabei cedendo, abaixei o fogo e, com o hashi na mão direita, fui atender na sala. Poderia ser um amigo com alguma oferta de trabalho.

— Preciso de dez minutos da sua atenção — disse ela, de súbito.

— Como? — perguntei, surpreso. — O que disse?

— Que preciso de dez minutos da sua atenção — ela tornou a dizer.

A voz não era familiar. Disso eu tinha certeza, pois sempre fui muito bom em reconhecer a voz das pessoas. A dela era suave, baixa e misteriosa.

— Desculpe, mas com quem gostaria de falar? — perguntei educadamente.

— Isso não vem ao caso. Preciso de apenas dez minutos da sua atenção. Acho que isso é suficiente para a gente se entender — ela respondeu rapidamente para não ser interrompida.

— “Para a gente se entender”?

— É sobre os nossos sentimentos — afirmou, categórica.

Estiquei o pescoço e espiei a cozinha pela porta entreaberta. O vapor branco subia da panela e Abbado continuava regendo *La gazza ladra*.

— Sinto muito, mas estou terminando de cozinhar macarrão. Se eu ficar dez minutos no telefone, vai passar do ponto. Vou desligar, o.k.?

— Macarrão? — ela questionou, surpresa. — Ainda são dez e meia da manhã. É um pouco cedo para preparar macarrão, não acha?

— Não é da sua conta — respondi. — Não tomei café da manhã direito e estou com fome. Já que sou eu que preparo minhas refeições, acho que sou livre para fazer e comer o que quiser, na hora que eu bem entender, não acha?

— Sim. Tem razão. Então, vou desligar — aceitou a mulher, agora com um tom apático. Uma voz estranha. É curioso como uma simples alteração de humor é capaz de mudar o tom de voz, como se entrasse em uma outra frequência. — Volto a ligar mais tarde.

— Espere um pouco — disse. — Se pretende me vender alguma coisa, não adianta nem tentar porque vai perder seu tempo. Estou desempregado e não posso comprar nada.

— Sei disso, não se preocupe — disse a mulher.

— Sabe? O que você sabe?

— Que está desempregado. Agora pode voltar para o seu macarrão.

— Afinal de contas, quem é... — Antes que eu pudesse concluir a frase, ela desligou de modo rude e abrupto. Muito abrupto para ter posto o fone no gancho, deve ter pressionado o botão com o dedo.

Por um tempo, confuso, continuei olhando o telefone na minha mão, até que me lembrei do macarrão e voltei à cozinha. Desliguei o fogo, despejei a massa no escorredor, coloquei o molho de tomate preparado à parte e comecei a comer. Por causa daquela ligação sem pé nem cabeça, o macarrão cozinhou demais e passou do ponto, mas nada muito grave, até porque eu estava faminto demais para me ater às sutilezas do tempo de cozimento. Com a música da rádio ao fundo, comi tranquilamente os cento e cinquenta gramas de espaguete sem deixar sobrar um fio de massa sequer.

Lavei o prato e a panela na pia e esquentei água para fazer chá preto de saquinho. Enquanto tomava o chá, pensava na ligação que acabara de receber.

*Para a gente se entender?*

Mas, afinal, por que aquela mulher tinha me ligado? Quem era ela?

Que mistério. Até então, nunca havia recebido uma ligação anônima dessas e nem sequer conseguia imaginar o que aquela mulher poderia querer conversar comigo.

*Seja como for, não estava nem um pouco a fim de compartilhar sentimentos com uma mulher desconhecida*, pensei. Isso não me serviria para nada. O que de fato importava nesse momento era conseguir logo um emprego. E, se possível, começar um novo ciclo.

Sentei no sofá da sala para ler o livro de suspense que pegara emprestado na biblioteca e, vez ou outra, quando olhava para o telefone, sentia a curiosidade aumentar gradativamente a ponto de ficar intrigado em saber o que a mulher quis dizer com aquilo de nos entendermos “em dez minutos”. *Como é possível se entender com alguém em dez minutos?*

Pensando bem, desde o início ela fora taxativa dizendo que a conversa duraria *dez minutos*. Parecia ter muita certeza desse limite. Talvez nove minutos fosse de menos, e onze, de mais. É como o ponto do espaguete al dente.

Conforme meus pensamentos divagavam, perdi o fio da meada e não consegui me concentrar no romance. Resolvi fazer uns exercícios e, depois, fui passar roupa. Toda vez que ficava confuso, passava camisas. Um hábito antigo.

Dividia o processo em doze etapas. Começava pelo lado da frente do (1) colarinho e terminava com (12) o punho da manga esquerda. Nunca deixava de respeitar essa sequência, sempre atento a cada etapa. Se não fizesse isso, não dava certo.

Passsei três camisas desfrutando o vapor do ferro de passar e o aroma típico do algodão quente e, depois de verificar que não tinha deixado nenhum amassado, as pendurei no cabide. Desliguei o ferro e, ao guardá-lo junto com a tábua no armário embutido, senti que a minha mente tinha clareado um pouco.

Fiquei com sede e fui à cozinha para beber água, quando o telefone voltou a tocar. *Não é possível!*, pensei e, por instantes, hesitei em atender, mas acabei optando por voltar à sala. Se fosse aquela mulher de novo, era só dizer que estava passando roupa e desligaria.

Mas era minha esposa. Olhei para o relógio de mesa sobre a tv e os ponteiros indicavam onze e meia.

— Tudo bem? — perguntou.

— Tudo — respondi, aliviado.

— O que você estava fazendo?

— Passando roupa.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou. Deu para sentir certa tensão no tom de sua voz. Ela sabia muito bem que eu costumava passar roupa quando estava incomodado.

— Não, nada. Só quis passar umas camisas. Nada de mais — respondi. Sentei na cadeira e passei o fone para a mão direita. — O que foi, precisa de alguma coisa?

— É sobre um trabalho. Você escreve poesia?

— Poesia? — respondi, surpreso. Poesia? Como assim, poesia?

— A editora de um amigo meu vai lançar uma revista literária voltada para o público feminino, e estão procurando alguém para selecionar e corrigir os poemas. Também querem alguém que escreva mensalmente um poema para a contracapa da revista. Como o trabalho é simples, o salário até que é muito bom. Claro que é só um bico, mas, se você se sair bem, podem passar trabalhos de editor.

— Simples? Calma aí! Estou procurando emprego num escritório de advocacia. De onde surgiu essa história de corrigir poemas?

— Você mesmo disse que escrevia na época do colégio.

— Era em um jornal. Jornal de escola. Mas eram artigos sem nenhuma importância, sobre quem venceu o campeonato de futebol ou sobre o professor de física que caiu da escada e ficou internado, coisas assim. Não era poesia. Não sei escrever poemas.

— Mas estamos falando de poemas para garotas do segundo grau. Ninguém espera que você crie uma obra-prima. Você faria do seu jeito.

— De um jeito ou de outro, não consigo fazer poesia — respondi, categórico. Era óbvio que eu não era capaz.

— Tudo bem... — suspirou minha esposa, contrariada. — Mas você sabe que está difícil encontrar trabalho na área de direito, não é?

— Tenho algumas propostas e acho que vou ter definições ainda nesta semana. Se nada der certo, volto a pensar nesse assunto.

— Ah, é? Sendo assim, tudo bem. Aliás, que dia da semana é hoje?

— Terça-feira — respondi, depois de pensar um pouco.

— Será que você pode passar no banco e pagar as contas de gás e de telefone?

— Posso, sim. Eu ia mesmo sair daqui a pouco para fazer compras para o jantar, então aproveito e passo no banco.

— O que vamos ter para o jantar?

— Ainda não sei. Vou pensar nisso quando estiver fazendo compras.

— Então... — começou minha esposa, com um tom de quem parecia querer mudar de assunto. — Estive pensando que talvez você não precise ter muita pressa para procurar um emprego.

— Como assim? — perguntei, outra vez surpreso. Parecia que todas as mulheres do mundo tinham resolvido me ligar para me dar um susto. — Você acha que eu não tenho que procurar? Daqui a três meses acaba o meu seguro-desemprego, não posso ficar à toa para sempre.

— Eu recebi um aumento, meu trabalho extra vai bem, temos uma reserva e, se não gastarmos com besteiras, acho que é suficiente para vivermos, não acha?

— E eu continuaria fazendo os serviços domésticos, é isso?

— Essa ideia não agrada a você?

— Não sei — respondi, com sinceridade. Eu realmente não sabia. — Vou pensar no assunto.

— Isso, pense nisso com calma — incentivou minha esposa. — E o gato, voltou?

— Gato? — só então me dei conta de que tinha me esquecido completamente dele esta manhã. — Não, ainda não.

— Você pode dar uma olhada na vizinhança? Faz quatro dias que ele sumiu.

Respondi “sim” de maneira vaga e passei o fone para a mão esquerda.

— Acho que ele pode estar no quintal daquela casa abandonada no fim do beco. Aquela que tem um pássaro de pedra no jardim. Já esbarrei com ele algumas vezes lá. Sabe onde fica?

— Não — respondi. — Mas quando você foi sozinha até o beco? Você nunca me disse...

— Olha, preciso desligar agora. Desculpe, tenho que voltar ao trabalho. Sobre o gato, conto com você, hein?



E desligou o telefone.

Fiquei olhando um tempo o aparelho antes de colocar de volta no gancho.

Achei estranho minha esposa ter dito que conhecia o beco. Para chegar lá, ela precisaria ter pulado o muro alto do jardim, e eu não via motivo para ela fazer isso.

Voltei à cozinha para tomar um copo de água, liguei o rádio e cortei as unhas. Estava tocando um especial do novo disco de Robert Plant, mas depois de duas músicas meus ouvidos já não aguentavam mais, e desliguei. Fui para o terraço dos fundos olhar a tigela de comida do gato; a pilha de sardinhas secas que eu havia colocado na noite anterior estava intacta. O gato definitivamente não tinha voltado.

Permaneci em pé contemplando a luz do sol do início do verão incidir sobre o pequeno quintal da nossa casa. Estava longe de ser uma claridade relaxante. Durante o dia, o sol batia no jardim por pouco tempo e, por isso, a terra ficava sempre úmida e escura, e a vegetação se limitava a duas ou três hortênsias pouco vistosas num canto. E eu nem gostava de hortênsias.

Da árvore de um vizinho, um pássaro emitia um canto compassado que lembrava o som de dar corda: *Gui-i-i-i*. Nós o apelidamos de “pássaro de corda”. Aliás, foi a minha esposa quem o chamou assim primeiro. Não sabíamos que espécie de pássaro era nem a aparência que tinha. Mas, independentemente disso, todos os dias o pássaro de corda pousava naquela árvore e dava corda no mundo silencioso que nos rodeava.

Enquanto escutava o pássaro de corda, me perguntava por que eu devia sair à procura do gato. Aliás, se desse a sorte de encontrá-lo, o que eu deveria fazer? Tentar convencê-lo a voltar para casa? Dizer que todos estavam preocupados e pedir que voltasse?

*Era só o que me faltava*, pensei. Realmente, *era só o que me faltava*. Qual o problema de deixar os gatos irem para onde quiser e viver do jeito que bem entendem? Ali estava eu, aos trinta anos, fazendo o quê? Lavando roupa, pensando no que fazer para o jantar e procurando um gato desaparecido.

Lembrei que, havia pouco tempo, eu era um homem *distinto* e ambicioso. No segundo grau, decidira ser advogado ao ler a biografia de Clarence Darrow. Minhas notas não eram ruins. No terceiro ano,

fiquei em segundo lugar em uma votação dos alunos da turma para escolher quem se tornaria uma pessoa bem-sucedida. Fiz direito em uma boa faculdade. O que aconteceu de lá pra cá?

Coloquei os cotovelos sobre a mesa da cozinha e, com as mãos apoiando o queixo, parei para refletir sobre quando e onde minha vida havia tomado outro rumo. Mas eu não tinha respostas. Não conseguia me lembrar. Não fui um ativista político frustrado, não me decepcionei com a vida acadêmica, tampouco perdi a cabeça por alguma mulher. À minha maneira, sempre levei uma vida completamente normal. Mas certo dia, quando estava para me formar na faculdade, me dei conta, de repente, de que eu já não era mais o mesmo.

Acho que, no início, esse desvio era tão insignificante que eu não conseguia nem percebê-lo. Mas, com o tempo, foi se tornando cada vez maior, até me sentir transportado a um lugar onde minha imagem original se desvirtuava. Em um paralelo com o sistema solar, eu estaria em algum ponto entre Saturno e Urano. Um pouco mais e eu veria Plutão, e então eu poderia pensar o que tem depois dele.

No início de fevereiro, pedi demissão do escritório de advocacia onde trabalhei durante muitos anos. Não foi por um motivo específico. Eu não desgostava do trabalho, o salário não era ruim e o ambiente era amistoso.

A função que eu exercia na empresa, em poucas palavras, era a de um faz-tudo especializado. Apesar disso, acho que fazia o meu trabalho muito bem. Não quero parecer metido, mas sou muito competente quando se trata de trabalhos práticos. Tenho raciocínio rápido, sou dinâmico, não reclamo e penso de maneira pragmática. Por isso, quando pedi demissão, o advogado mais velho (isto é, o pai, e não o filho: o escritório pertencia aos dois) chegou a me oferecer um aumento para que eu desistisse de sair.

Mas acabei saindo mesmo assim. Não sei dizer ao certo por que eu fiz isso. Não tinha um objetivo definido nem perspectiva de futuro. A ideia de ficar enfiado em casa estudando para o Exame da Ordem não me animava nem um pouco e, para ser sincero, eu não tinha muita vontade de ser advogado.

Durante o jantar, quando comentei com a minha esposa que estava pensando em sair do emprego, ela se limitou a dizer: “É melhor”.

Não entendi direito o que ela quis dizer com aquilo, e ela permaneceu calada por um bom tempo.

Também permaneci em silêncio, até que ela disse:

— Se você quer sair, tudo bem. A vida é sua e você deve fazer o que achar melhor. — Depois de dizer isso, ela começou a tirar as espinhas do peixe com os hashis e separá-las no canto do prato.

Minha esposa trabalhava na parte administrativa de uma escola de design e ganhava bem. Além disso, às vezes um editor amigo dela ainda lhe encomendava ilustrações, que também proporcionavam um bom dinheiro. Já eu receberia o seguro-desemprego por alguns meses. O fato de ficar todos os dias em casa e fazer as tarefas domésticas nos faria economizar em restaurante e lavanderia, e continuaríamos levando praticamente a mesma vida de quando eu trabalhava.

Foi assim que eu resolvi deixar o emprego.

Ao meio-dia e meia, como sempre, pus a sacola de tecido no ombro e fui fazer compras. Antes, passei no banco para pagar o gás e o telefone, fui ao mercado comprar as coisas para o jantar e depois entrei num McDonald's para comer um sanduíche e tomar um café.

Quando eu guardava os alimentos na geladeira, depois de voltar das compras, o telefone tocou. O toque soou especialmente irritante. Coloquei sobre a mesa a embalagem de tofu aberta até a metade e fui para a sala atender a ligação.

— Já comeu o macarrão? — perguntou a mesma mulher da manhã.

— Já — respondi. — Mas agora tenho que procurar o gato.

— Você não pode esperar dez minutos antes de ir procurar o gato?

— Só dez minutos...

*Onde é que estou com a cabeça?*, pensei. Por que vou gastar dez minutos do meu dia com uma mulher que nem conheço?

— Então, a gente pode se entender bem, não é? — perguntou ela, com tranquilidade.

Tive a impressão de que a mulher, fosse ela quem fosse, se ajeitou na poltrona e cruzou as pernas para ficar mais confortável.

— Será? — respondi. — Às vezes as pessoas convivem por dez anos e nem por isso se entendem, não é?

— Quer tentar? — propôs ela.

Tirei o relógio do pulso e liguei o cronômetro. O marcador digital ia indicando os números de um a dez. Dez segundos já haviam se passado.

— Por que eu? — perguntei. — Por que você resolveu me ligar em vez de ligar para outra pessoa?

— Tenho meus motivos — disse a mulher, pronunciando as palavras com cuidado, como se estivesse mastigando alguma coisa. — Eu conheço você.

— Desde quando? De onde?

— De algum dia, de algum lugar — ela respondeu. — Mas isso não vem ao caso. O que importa é o *agora*. Não é? Se eu ficar falando sobre isso, nosso tempo não vai ser suficiente. *Saiba que eu também tenho pressa.*

— Quero uma prova, então. Uma prova de que me conhece.

— Por exemplo?

— Quantos anos eu tenho?

— Trinta — ela respondeu sem hesitar. — Trinta anos e dois meses. Acertei?

Fiquei mudo. Essa mulher me conhecia mesmo. Mas, por mais que eu tentasse, não conseguia me lembrar daquela voz. Eu nunca tinha esquecido ou confundido a voz de uma pessoa. Posso esquecer o rosto ou o nome, mas não a voz.

— Agora é a sua vez de tentar adivinhar como eu sou — ela propôs de forma sugestiva. — Quero que tente imaginar, pela minha voz, o tipo de mulher que eu sou. Você consegue? Você sempre foi bom nisso, não?

— Não consigo.

— Vamos, tente!

Olhei o relógio. Só tinha passado um minuto e cinco segundos. Suspirei, resignado, e resolvi ceder. Já que estava no jogo, era melhor ir até o fim. Como ela disse, eu era muito bom em jogos de adivinhação. Concentrei-me em sua voz.

— Tem mais ou menos vinte e cinco anos, é formada, nasceu em Tóquio e teve uma infância de classe média alta — respondi.

— Nossa! Você me surpreendeu — disse ela.

Pelo som que escutei do outro lado, imaginei que ela tivesse acendido um cigarro.

— Pode continuar.

— Bonita. Pelo menos é o que você acha. Mas não significa que não tenha algum complexo, como ser muito baixa ou ter os seios pequenos, algo assim.

— Chegou perto.

— É casada, mas vocês não se dão bem. Tem problemas. Se não tivesse problemas, não ligaria para um homem sem se identificar, não é? Mas eu não conheço você. Pelo menos nunca conversamos. Por mais que eu possa imaginar essas coisas sobre você, não consigo visualizar a sua aparência.

— É mesmo? — disse ela, com a serenidade de quem cravava uma cunha suave em minha cabeça. — Como pode ter tanta certeza? Nunca chegou a pensar que, em algum lugar do seu cérebro, possa existir um ponto cego fatal? Se não fosse por isso, talvez sua vida estivesse mais estabilizada, não acha? Ainda mais sendo inteligente e talentoso.

— É exagero seu — respondi. — Não sei quem você é, mas não sou essa pessoa que você acha. Eu não tenho capacidade de realizar as coisas. Sempre acabo me perdendo pelos caminhos.

— Mas eu gostava de você, sabia? Se bem que isso é coisa do passado.

— Então estamos falando de uma história do passado — comentei.

Dois minutos e cinquenta e três segundos.

— Nem tanto. Até porque não se trata propriamente de história, não é?

— *É claro* que se trata de história — insisti.

*Ponto cego*, pensei. *Acho que ela tem mesmo razão. Em algum lugar do meu cérebro, do meu corpo, do meu ser deve existir um recôndito perdido e profundo, que faz com que a minha vida seja delicadamente ensandecida.*

Não. Não é isso. Não é de modo *delicado*. É *em grande escala*. Impossível de ser controlado.

— Nesse exato momento estou na cama, sabia? — disse ela. — Acabei de tomar banho e estou completamente nua.

*E essa agora?*, pensei. *Ela está sem nada*. Parecia até que estava vendo uma fita pornô.

— Quer que eu vista uma calcinha ou prefere que fique só de meia-calça? É mais excitante?

— Tanto faz, você que sabe. Fique do jeito que você quiser — respondi. — Seja como for, não me interessa por esse tipo de conversa no telefone.

— Só dez minutos. Não vai ser o fim do mundo gastar esse tempo comigo, não é? Não vou pedir nada além disso. Só um pouco de boa vontade, pode ser? Apenas responda: prefere que eu fique nua ou que coloque alguma coisa? Tenho de tudo, cinta-liga...

*Cinta-liga?*, pensei. Achei que estava ficando maluco. Hoje em dia, só as modelos é que ainda devem usar cinta-liga.

— Pode ficar assim, nem precisa se mexer — sugeri.

Tinham se passado quatro minutos.

— Meus pelos pubianos ainda estão úmidos — contou. — Não enxuguei direito com a toalha, por isso estão assim, quentes e úmidos. E bem macios. Bem pretos e macios. Pode passar a mão.

— Desculpe, mas...

— Embaixo ainda está mais quente e molhado, como manteiga derretida. Bem quente mesmo. Acredite. Consegue imaginar em que posição estou? Com o joelho direito levantado e a perna esquerda estendida para o lado, igual os ponteiros de um relógio marcando dez e cinco.

Pelo tom de sua voz, sabia que não era mentira. Ela estava com as pernas abertas, formando aquele ângulo exato, e seu sexo estava quente e úmido.

— Passe a mão nos meus lábios. Bem devagar. Agora abra a minha boca. Isso, bem devagar. Acaricie com os dedos. Isso, assim mesmo, continue. Acaricie meu seio esquerdo com a outra mão. Passe com delicadeza a mão embaixo e suba levemente até o mamilo. Agora repita esse movimento várias vezes, até eu *gozar*.

Desliguei o telefone sem dizer nada. Depois, deitei no sofá e fumei um cigarro olhando o teto. O cronômetro marcava cinco minutos e vinte e três segundos.

Fechei os olhos e uma escuridão tingida de inúmeras cores caiu sobre mim.

*Por quê?, pensei. Por que as pessoas não me deixam em paz?*

Depois de mais ou menos dez minutos, o telefone voltou a tocar, mas, dessa vez, resolvi não atender. Tocou quinze vezes e parou. Em seguida, um profundo silêncio preencheu o espaço, como o de um rochedo soterrado no fundo de uma geleira há cinquenta mil anos. Os quinze toques do telefone mudaram por completo o ar à minha volta.

Um pouco antes das duas da tarde, pulei o muro de cimento do quintal de casa e desci no beco.

Apesar de dizer “beco”, não é um beco no sentido literal da palavra. Na verdade, não existia um nome que, *de fato*, pudesse descrever aquele lugar. Para ser preciso, aquilo nem sequer poderia ser considerado um caminho. Um caminho é uma passagem com uma entrada e uma saída e que leva a algum lugar.

No entanto, nesse beco não havia nem entrada nem saída, e o máximo que você encontrava nele era um muro de cimento ou uma cerca de arame farpado. Também não era uma rua sem saída, porque deveria haver pelo menos uma entrada. Os vizinhos chamavam esse lugar de *beco* apenas por conveniência.

O beco tinha uns duzentos metros de extensão e passava como que costurando os quintais dos fundos das casas. Tinha um metro e pouco de largura, mas em alguns trechos só era possível passar de lado, por causa das plantas que avançavam sobre as cercas e do entulho espalhado pelo chão.

Reza a lenda — quem me contou isso foi um tio querido que me alugara a casa por um preço bem baixo — que antigamente esse beco tinha uma entrada e uma saída e servia de atalho para ligar duas ruas. Mas, com o rápido crescimento econômico do Japão, inúmeras casas foram sendo construídas nesses terrenos baldios e, com isso, a largura das ruas diminuiu drasticamente; como os moradores não gostavam de ver estranhos passando pelo quintal ou pelas proximidades de suas casas, resolveram fechar a rua. No começo, a rua era protegida apenas por uma cerca de plantas que servia como um discreto tapume, até um dos moradores ampliar o jardim e fechar uma das saídas com um muro de concreto. Depois, como em resposta, o outro lado também foi fechado com cerca de arame farpado que não